

Escravizados no Egito

1

Para ler na Bíblia: Êxodo 1.1-22

Para meditar: Salmo 105.24

O livro de Êxodo tem profundas lições para nós, pois nos mostra como Deus libertou seu povo do cativeiro, como cuidou do povo em todas as circunstâncias. Além disso, o livro exalta o poder e a santidade de Deus e mostra como Ele exige que seu povo seja santo.

Esse livro gira em torno de dois fatos centrais: Deus libertou Israel da escravidão no Egito (1.1 a 18.26) e a aliança que Deus fez com seu povo, Israel (19.1 a 40.38).

Conhecendo o livro do Êxodo

O livro de Êxodo faz parte do Pentateuco, que é formado pelo cinco primeiros livros da Bíblia. Pentateuco é uma palavra derivada do grego *pentateuchos* (lê-se pentateucos), que significa “cinco volumes”, que são: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Os judeus chamam esses livros de Torá, que significa “instrução”. O Novo Testamento se refere ao Pentateuco (Torá) como a Lei (Mt 5.17; At 7.53).

1. **O nome do livro** – Êxodo – é derivado do grego *exodos*, que significa “saída”. Esse título foi dado ao livro na tradução do Antigo Testamento feita para o grego, três séculos antes de Cristo, a qual ficou conhecida como *Septuaginta* (LXX). Na Bíblia Hebraica, o livro é identificado pelas palavras iniciais: “são estes os nomes”, muitas vezes designado apenas por “Nomes”.

2. **A data do êxodo** – Não é possível determinar com precisão a data do êxodo. Sabe-se que a saída dos israelitas aconteceu em algum momento do auge do império egípcio, e a data seria entre 1300 e 1250 a.C., sendo Ramsés II considerado o faró que governava quando Deus tirou seu povo do cativeiro (LASOR, William. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova. p. 65).

3. **O autor do livro** – Moisés foi o autor do Pentateuco. Embora existam teorias que neguem essa autoria, não é nosso objetivo discuti-las aqui. Para nossa tranquilidade quanto à autoria dos cinco livros, transcrevemos o que George Rawlinson escreveu: “É um axioma da sábia crítica que os livros devem ser atribuídos a quem a tradição reconhece como autor, a não ser que razões muito fortes possam ser demonstradas em contrário. O Êxodo, bem como todo o Pentateuco, é atribuído a Moisés pela unanimidade das tradições, tanto entre as correntes dos fariseus como dos saduceus, tanto entre os judeus como os samaritanos” (*The Pulpit Commentary*. Grand Rapids: Eerdmans. v. 1. p. VII).

O próprio texto de Êxodo registra a ordem de Deus a Moisés para que ele escrevesse num livro a vitória contra Amaleque (Ex 17.14) e a ordem de Deus a Moisés: “Escreve estas palavras...” (Ex 34.27).

Além do apoio da tradição e da evidência dentro do próprio livro do Êxodo, existe também o apoio indiscutível do Novo Testamento: o Senhor Jesus afirmou que a Lei foi escrita por Moisés (Mc 1.44; João 7.19-22) e os apóstolos afirmaram a mesma coisa (João 1.45; At 26.23).

O crescimento do povo de Israel

Êxodo 1.1-10 – O livro de Gênesis narra como o povo de Israel foi para o Egito levado por José, que era o governador do país (Gn 46.1 a 47.12), e termina com José manifestando sua confiança em que Deus um dia tiraria seu povo do Egito e o levaria à terra que havia prometido a Abraão, a Isaque e a Jacó (Gn 50.22-16).

O livro de Êxodo começa com a relação dos nomes dos filhos de Jacó que, durante a seca, haviam ido viver no Egito. Era um grupo de setenta homens (Ex 1.5; Dt 10.22). Lembremos de que não contavam mulheres nem crianças.

Estêvão, em seu discurso aos membros de uma sinagoga em Jerusalém, fez referência a 75 pessoas (At 7.14), usando, provavelmente, o número apresentado na Septuaginta, que incluía os cinco netos de José, que já estavam no Egito quando Jacó e sua família foram para lá (COLE, R. Alan. *Êxodo: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova. p. 51).

Da chegada dos israelitas ao Egito até sua saída foram 430 anos (Ex 12. 40, 41). Durante esse período o povo cresceu e quando saiu da terra da escravidão era cerca de seiscentos mil homens, (Ex 12.37,38; Nm 11.21). Acrescentando as mulheres e crianças, este número sobe para dois ou três milhões de pessoas.

O povo viveu muito tempo na terra de Gósen onde desfrutava de liberdade. Mas ao subir ao trono um faraó que não conheceu José (1.9), o crescimento e fortalecimento dos israelitas despertou o temor do governo egípcio que passou a considerar os israelitas um perigo para a segurança do país, visto que poderiam levantar-se numa revolução ou associar-se a invasores. Esse medo levou o faraó a escravizar o povo.

Escravizados pelo faraó

Êxodo 1.11-14 – A permanência dos israelitas no Egito foi questão de séculos (Ex 12.40), e durante este longo período muitas modificações aconteceram. Então chegou uma época quando a história de como os israelitas tinham ido para o Egito se perdeu, pois mudou a dinastia que governava o país e os reis se tornaram hostis ao povo. Um novo rei governava e sua política era enfraquecer os israelitas pelo trabalho forçado, pois temia o crescimento do povo e que ele

A tentativa de controlar o crescimento do povo pelo trabalho forçado, pelo sofrimento físico, foi inútil, mas a vida era amarga e dura a labuta.

se aliasse aos inimigos do Egito. Para isso o rei colocou oficiais egípcios como feitores, que tinham sob suas ordens israelitas que deviam comandar o trabalho do povo escravizado (Ex 5.14). O rei queria desmoralizar os israelitas e eliminar a possibilidade de insurreição e de fuga.

Foi com o trabalho forçado dos israelitas, que o faraó construiu duas grandes cidades: Pitom e Ramessés. Essas duas cidades eram celeiros e também guardavam equipamentos militares. Provavelmente as cidades se localizavam em Gósen, a terra que fora dada por José à sua família (HONEYCUTT JR. Roy L. Êxodo in *Comentário Bíblico Broadman*. Rio de Janeiro: JUERP. v.1, p. 388).

A tentativa de controlar o crescimento do povo pelo trabalho forçado, pelo sofrimento físico, foi inútil (Ex 1.12), mas a vida era amarga e dura a labuta (Ex 1.14).

O genocídio

Êxodo 1.15-22 – Ao ver que o seu primeiro plano não tinha dado resultado, o faraó estabeleceu uma segunda forma de reduzir o número de israelitas, que foi matar os meninos hebreus (israelitas) no momento do nascimento. As parteiras, no entanto, corajosamente desobedeceram a ordem do faraó. Elas, por temor a Deus, se recusaram a tirar a vida dos recém-nascidos. Deus as recompensou estabelecendo-lhes casa, isto é, dando-lhes família e a perpetuação do nome. Essas duas mulheres – Sifrá e Puá – foram usadas por Deus para preservar o seu povo (Ex 1.15).

Tendo falhado o segundo plano, o rei decretou que os egípcios entrassem nas casas dos israelitas e lançassem no rio todos os meninos recém-nascidos. Com a morte dos meninos, o número de homens diminuiria paulatinamente até não restar nenhum para dar continuidade ao povo. As meninas, no entanto, foram preservadas, pois no futuro seriam esposas-escravas dos egípcios e não representariam perigo. Pode-se imaginar o terror cruel que o faraó infundiu nas famílias israelitas.

Na sua tentativa de destruir os israelitas, o faraó, que aparentemente estava dirigido por motivos políticos, era guiado, na verdade, por Satanás que queria frustrar os planos de Deus de criar um povo seu, e prepará-lo para, no futuro distante, trazer o Salvador ao mundo.

PARA APLICAR À VIDA

1. Nenhum sofrimento pôde enfraquecer o povo de Israel, pois Deus cuidava dele e tinha um propósito para ele. Assim também, nenhum sofrimento, nenhuma perseguição poderá deter o povo de Deus, os crentes em Jesus, que fazem avançar a evangelização e a obra missionária.

2. Ao longo da História, Satanás usou e ainda usa muitos sistemas políticos e religiosos para deter o avanço do reino de Deus, porém os resultados têm mostrado que a promessa de Jesus se cumpre, pois as portas do inferno não podem prevalecer contra a Igreja de Cristo (Mt 16.18).

3. Seja qual for a provação que se abata sobre nós, o povo de Deus, adotados por Ele por nossa fé em Jesus Cristo, precisamos permanecer confiantes na providência de Deus.